

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
PLAGEDER**

**Igor Rainoldo Heinz**

**ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ E A PARTICIPAÇÃO DAS  
MULHERES**

**Porto Alegre**

**2017**

**Igor Rainoldo Heinz**

**ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ E A PARTICIPAÇÃO DAS  
MULHERES**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin  
Coorientador tutor: Tiago Lemões da Silva.

**Porto Alegre**

**2017**

**Igor Rainoldo Heinz**

**ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ E A PARTICIPAÇÃO DAS  
MULHERES**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural = PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 23 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin. UFRGS

---

Prof. Dr. João Daniel Dorenles Ramos. UFRGS

---

Prof. Dr. Paulo Waquil Agrônomo, mestre e doutor em Economia Agrícola pela Universidade de Wisconsin - EUA

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus, sem ele nada seria, sem ele não teria chegado até aqui.

A Universidade UFRGS, pela oportunidade fazer o curso, ao polo de Picada Café e toda sua equipe.

Ao meu professor orientador Dr Daniel Gustavo Mocelin, em especial ao meu coorientador Dr. Tiago Lemões da Silva e aos tutores que atuaram ao longo da minha trajetória no curso, Alessandra Matte, Judit Herrera Ortuno, Pâmela Marconatto Marques Glenio Piran Dal Magro e Felipe Vargas.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, a minha irmã Silvana pelo incentivo e motivação.

A Associação Regional Sindical do Vale do Caí, em especial as mulheres que participaram na construção da presente pesquisa, a senhora Maria Helena Baumgarten muito obrigado.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

A participação das mulheres nas esferas sindicais vem sendo discutida amplamente a longo tempo, dentro de estrutura sindical CONTAG a qual a Associação Regional Sindical do Vale do Caí pertence. Tal debate tem provocado exigências em cotas de participação. Neste trabalho buscou-se descrever a atuação das mulheres dirigentes ao longo da trajetória da referida associação. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um grupo de mulheres dirigentes dos sindicatos dos trabalhadores rurais filiado à associação e quatro ex-dirigentes também ligadas ao movimento sindical. A questão norteadora foi a forma de participação e atuação das mulheres dirigentes sindicais dentro da estrutura da Associação Regional sindical do Vale do Caí. No sentido de responder a problemática, usou-se a pesquisa qualitativa por meio de aplicação de entrevistas semiestruturadas. As análises evidenciam a atuação das mulheres, em momentos distintos ao longo da construção de sua atuação, fortemente marcada por obstáculos impostos pela desigualdade de gênero, doação à causa pela luta de espaço, desempenho comprometido pelos próprios companheiros de luta, boa formação de lideranças e conquista histórica de espaço originalmente ocupados por homens. A análise demonstrou que a atuação das mulheres em determinados momento sofre graves consequências e ao mesmo tempo mostra resultados positivos.

**Palavras-chave:** associação, mulheres, atuação, machismo

## **ABSTRACT**

The participation of women in trade unions has been discussed extensively for a long time, within the CONTAG union structure to which the Regional Association of the Vale do Caí belongs. Such debate has provoked demands in quotas of participation. This paper intends to describe the performance of women leaders throughout the trajectory of this association. The research was developed from a group of women leaders of the rural workers unions affiliated to the association and four former leaders also linked to the trade union movement. The guiding question was the form of participation and performance of the women union leaders within the structure of the Regional Association of the Vale do Caí. In order to respond to the problem, qualitative research was used through semi-structured interviews. The analyzes show the performance of women, at different times during the construction of their performance, strongly marked by obstacles imposed by gender inequality, donation to the cause for the space struggle, performance committed by their union colleagues, good leadership formation and historical conquest of space originally occupied by men. The analysis has shown that women's actions at certain times suffer serious consequences and at the same time show positive results.

Keywords: Association, Women, Acting, Machismo.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A escolaridade das entrevistadas.....	32
Gráfico 2: Mulheres eleitas nas câmaras.....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CONTAG. Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais.

FAMURS. Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul.

FETAG/RS. Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INSS. Instituto Nacional do Seguro Social.

MSTTR. Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais.

PADRSS. Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

PRONAF. Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

PRONATEC. Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

SENAR. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

STR/s. Sindicatos dos Trabalhadores Rurais.

SUS. Sistema único de saúde.



## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1.Interesse pelo tema de pesquisa.....	15
1.2.Construção da problemática.....	16
1.3 Metodologia.....	19
1.4. Referencial teórico.....	20
<b>2. HISTÓRICO DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ</b> .....	24
2.1. A origem da participação da mulher na Associação.....	24
2.2. Histórico de atuação das mulheres trabalhadoras rurais na associação.....	26
<b>3. ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ E ATUAÇÃO DA MULHER</b> .....	32
3.1. Formação que as mulheres possuem.....	32
3.2. Atuação das mulheres frente aos Sindicatos, que juntos forma a associação..	34
3.2.1 A importância da estrutura sindical na visão da dirigente.....	36
3.3. Formas de articulação em nível municipal.....	37
3.3.1. A participação dos conselhos municipais.....	39
<b>4.MULHER NO CONTEXTO DA POLITICA</b> .....	41
4.1.Participação e a política.....	41
4.1.1.Dupla jornada de trabalho feminina.....	44
4.2.Dificuldades enfrentadas na atuação política.....	45
4.3.Formas de reprodução da desigualdade de gênero.....	46
4.4.Mulheres na política precisam o tempo todo provar suas capacidades e competências.....	49
<b>5. Considerações finais</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRFICAS</b> .....	53
APÊNDICE A.....	55
APÊNDICE B.....	60
ANEXO A.....	66

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Interesse pelo tema de pesquisa.

Pretende-se a partir deste estudo trazer aspectos sobre a atuação das mulheres dirigentes sindicais do Vale do Caí. Com uma vasta trajetória de desempenho por parte delas, procurou-se identificar como ocorreu sua participação e quais os principais desafios enfrentados ao longo do tempo.

Na condição atual de acadêmico, agricultor associado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de São José do Hortêncio, este por sinal, coligado à associação sindical regional do Vale do Caí. O meu interesse na construção da presente pesquisa começa a partir da minha participação no grupo de jovens da associação, no ano de 2006. Também neste ano fui convidado a participar na diretoria do STR, onde ocupei o cargo de conselho fiscal durante o mandato de 2007 a 2010. Na composição seguinte durante os anos de 2011 a 2014, ocupei o cargo de 1º suplente da diretoria efetiva, entretanto durante este período ocupei o cargo de diretor remunerado pelo STR.

Participando de algumas das reuniões da associação, me chamava a atenção o fato de as mulheres estarem na linha de frente da coordenação dos trabalhos. Com isso, sempre busquei entender como elas conseguiam se manter nesta linha de frente, em entidades historicamente ocupada por homens nos cargos de direção.

Também ao longo da minha trajetória tive o privilégio de participar de alguns cursos oferecidos pela associação regional, como o curso de formação de lideranças e o curso do PRONATEC, o qual foi uma construção de entidades parceiras, onde as mulheres dirigentes foram as protagonistas, ao buscarem estas parcerias para a realização dos cursos. Ainda tive a oportunidade de participar do curso de formação de lideranças em nível estadual, que proporcionou a minha participação da 3ª Plenária Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Luziânia, Goiás, no ano de 2011. Já em 2013, durante os dias 4 a 8 de março, participei do 11º congresso da CONTAG. Na minha participação destes eventos, muito se escutava na participação ativa de gênero, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em busca de espaço nos cargos de direção.

Levando tudo isto em conta, me motivei a pesquisar como ocorria a atuação destas mulheres que ocupam os cargos de linha de frente da associação, sabendo-

se que dentro da estrutura sindical rural da qual os STRs do Vale do Caí pertencem, a participação das mulheres ainda não acontece de fato.

## **1.2.Construção da problemática.**

A Associação regional sindical Vale do Caí, é formada atualmente por 13 sindicatos (STRs) com representações no Vale do Caí. Fazem parte desta associação os STRs dos municípios de Dois Irmãos, Ivoti, São José do Hortêncio, São Sebastião do Caí, Bom Princípio, Harmonia, Tupandi, São Jose do Sul, Pareci Novo, Montenegro, Brochier, Feliz e Maratá, que juntos representam aproximadamente seis mil agricultores associados.

A origem da associação ocorreu após a difusão da grande regional de Porto Alegre no ano 1989, por volta de setembro daquele ano, mas a efetivação com estatutos e regimento eleitoral só ocorreu no ano de 2005, passando de simples encontros regionais, para uma entidade jurídica a partir de 22 de agosto deste mesmo ano. A partir desta data, a associação ficou composta de um coordenador, um secretário, um tesoureiro, e três conselheiros fiscais e o mesmo número de suplentes para toda diretoria. Ainda foram criadas coordenações de vários segmentos, como Mulheres, aposentados e outros, mas a principal conquista foi que, a partir de então, a associação passou a ser assessorada por uma pessoa contratada pela própria entidade.

O ano de 2004 foi importante para associação, pois ela começa a ser mais notada na região, frente aos cursos de capacitação, onde começam a ser envolvidas de fato as agricultoras. Em 2013, por empenho e organização da Regional, foram realizados dois cursos do PRONATEC pelo IFRS Campus Feliz, onde o público alvo foram os agricultores associados da associação. Em 2014 um grupo de mulheres participou do curso de biodinâmica promovido pela Regional Sindical em parceria com a ECOCITRUS<sup>1</sup>. Ainda durante o período de sua efetivação, foram realizados diversos cursos, dentre eles o de formação de liderança sindical em nível regional, alguns participantes em esfera Estadual e Federal.

A associação ofereceu e oferece para seus associados diversos outros cursos, com estímulo de melhorar a condição de vida no meio rural. Mas, uma das

---

<sup>1</sup> Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí

dificuldades enfrentadas pela respectiva entidade é o número de alcance destes cursos oferecidos, e ainda o percentual de associados por STR, vinculado à Associação.

A Mulher dirigente sindical na Associação Vale do Caí, começa a ter sua participação em meados dos anos 1980, com a criação da comissão regional das Mulheres dentro da Associação. Já no período dos anos 1990, com a difusão da associação, é eleita a primeira diretoria, quando foram eleitas, em abril de 1991, como coordenadora regional dos STRs Vale do Caí, a senhora Maria Helena Baumgarten, e Gerta Behne, para coordenadora de mulheres, e Regina Marilene Lippert, como coordenadora regional de Jovens. Elas foram as primeiras agricultoras dirigentes sindicais da Vale do Caí. Outro fato importante para o período foi a eleição da primeira Mulher Presidente de Sindicato, no município de Feliz.

Segundo Schaaf, o período dos anos 1980, com as diversas mobilizações sociais no país, foi uma época importante para as mulheres, pois foi através das organizações como os sindicatos, que elas se destacaram em suas reivindicações:

Na década de 1980, período que se caracterizou por uma efervescência de mobilização social em todo o Brasil, a partir da abertura política. As mulheres tiveram um papel de destaque nessa mobilização, através de vários tipos de organização, articulados pelo movimento feministas, pela igreja e sindicatos. (Shaaf, 2003, p.412).

Foi um período de mobilização e conscientização da importância da participação das mulheres nas diretorias dos STRs, porém é preciso trazer a discussão sobre a resistência masculina para esta participação feminina dentro da associação.

A partir da presença da mulher nos espaços públicos, que antes era exclusivamente dominado pelos homens, elas começam a enxergar a política de outra forma. De acordo com Schaaf:

A participação possibilitava às mulheres aderirem ao espaço público, tradicionalmente masculino e, assim, colocarem interrogativas à estrita divisão entre esfera pública e privada. Além disso as mulheres aprenderam a enxergar a política de outra forma. Além de destituir a política de sua carga negativa, as mulheres familiarizaram-se com a política como assunto de todos e, assim, também seu (Shaaf, 2003, p.418).

Com a conscientização da importância da participação, podemos destacar que tivemos alguns cargos políticos no Vale do Caí ocupados por mulheres

dirigentes sindicais, como a exemplo Helmi Maria Christ, sendo eleita mais votada para o cargo de vereadora no município de São José do Hortêncio, no ano 1989.

Durante um bom tempo, a mulher sempre esteve representada diretamente na executiva da associação, mas em 2004, com a saída do coordenador, assume novamente uma Mulher à frente da Associação, onde permaneceu na executiva até o ano de 2015, fato que poderíamos mencionar impar em uma entidade de caráter rural, pois tradicionalmente as entidades eram comandadas por homens.

Reconhecendo que as mulheres comandaram e participam efetivamente dos trabalhos à frente da associação, bem como diversos sindicato associados ter suas presidências ocupadas por mulheres e terem em seu quadro de efetivos a presença feminina, constata-se que há um diferencial na forma de atuação neste trabalho desenvolvido pelas mulheres dentro da entidade.

Nesse sentido, interessa-me, neste estudo, explorar, de modo geral, as formas de atuação das mulheres na Associação. Para tanto, busco caracterizar atuação das mulheres na Associação; descrever o histórico de atuação das mulheres trabalhadoras rurais na associação; caracterizar a formação que as mulheres possuem, bem como a formação que associação oferece; descrever a atuação das mulheres frente aos Sindicatos, que juntos formam a associação e, por fim, descrever sua atuação, formas de articulação em nível municipal;

Considero que trazer uma análise sobre a atuação das mulheres dirigentes sindicais mostrará a importância das mesmas para com a conjuntura da associação. Acredito que a reflexão sobre o papel da mulher no engajamento político pode contribuir para visibilizar a contribuição da atuação da mulher para o desenvolvimento das comunidades locais. Além disso, compreender as formas de atuação ao longo da trajetória que as trabalhadoras rurais dirigentes enfrentaram, será de suma importância para registrar a formação que possuem, bem como as que são ofertadas, fator relevante para o desempenho frente aos sindicatos.

A relevância do desempenho do gênero para a associação, as comunidades rurais envolvidas e municípios de atuação, auxilia na necessidade da realização do presente estudo. Pontuando os resultados que as mulheres conquistaram e conquistam através da atuação frente à associação, em seus diversos níveis, proporcionando o progresso do meio rural e o desenvolvimento local.

### 1.3. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se pela perspectiva descritiva, com abordagem qualitativa. Para Trivifios (1987) “*foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas*” (p. 110). Pretende-se com a presente pesquisa, a descrição da atuação das mulheres dirigentes sindicais do Vale do Caí, abordando o seu envolvimento no desenvolvimento das comunidades de atuação.

De acordo com Gerhardt, (2009) “*a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização*” (p,31). Nesse sentido, o objetivo maior desta pesquisa consiste na compreensão da atuação das mulheres na já mencionada associação. Especificamente, foram entrevistadas as mulheres dirigentes sindicais nas esferas dos STRs associados na regional Vale do Caí e buscou-se ex-dirigentes, que também tiveram grande importância na construção da participação no movimento sindical regional das mulheres.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista estruturada, com perguntas objetivas e descritivas com as mulheres dirigentes, direcionando a um diálogo aberto, sendo gravadas e seguidamente transcritas. Além disso, foi realizada uma pesquisa ao relatório de atividades das mulheres ao longo da trajetória dentro associação, elaborado pela assessora Maria Helena.

Conforme Minayo (1996) “*as análises de conteúdo, de discurso, ou análise dialética são procedimentos possíveis para a análise e interpretação dos dados e cada uma destas modalidades preconiza um tratamento diferenciado para a organização e sistematização*” (MINAYO, 1996, p.44). Como se verá, a análise dos dados da pesquisa teve como finalidade a interpretação da forma pela qual se organizam as agricultoras dirigentes sindicais, frente aos STRs do Vale do Caí, pontuando a sua atuação e os desafios enfrentados.

De acordo, com Gerhardt (2009), “*A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência*” (GERHARDT, 2009, p.84). Através desta análise das entrevistas, foi possível desenvolver o proposto no presente estudo, que visou a descrição do desempenho das mulheres frente à associação, suas formas de

mobilização, a divulgação das políticas públicas, bem como o nível de responsabilidade para com o desenvolvimento das comunidades envolvidas.

Cabe, por fim, mencionar que a ética do presente estudo respeitará a resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do conselho Nacional de Saúde (Brasil 1996), em conformidade das análises dos dados.

#### **1.4. Revisão da literatura**

A união dos STR do Vale do Caí em formato de associação é importante, pois segundo Cotrim (2009), *“o associativismo é definido como a união de interesses comuns, através da qual a sociedade se organiza visando a ajuda mútua para resolver diversos problemas relacionados a seu dia a dia.”* (COTRIM, 2009, p. 42). Percebe-se que esta iniciativa dos sindicatos dos trabalhadores do Vale do Caí é fundamental para a união de esforços em prol do desenvolvimento de toda a região de abrangência.

Com esta finalidade de que *“juntos podem mais”*, que surgiu a Associação Sindical do Vale do Caí, promovendo a ajuda mútua entre os Sindicatos, tentando sempre a união e o interesse em comum, com a conscientização de todos os associados. Ainda para Cotrim (2009), *“Essa união permite a construção de condições mais amplas e melhores do que as que os indivíduos teriam isoladamente para a concretização de seus objetivos e de seus interesses.”* (COTRIM, 2009, p. 42).

Com isso, constata-se que muito pode ser feito e conquistado em parceria. Conforme o modelo de associação adotado entre os sindicatos da presente pesquisa, compreende-se a importância e a diferença que esta estrutura faz no meio rural no qual está inserida.

A presença dos sindicatos nos municípios do Vale do Caí é importante para organização da categoria, bem como a participação da execução de diversas políticas públicas, através deste coletivo. Para Fernandes:

Esses diferentes efeitos da presença sindical na região não podem ser pensados isoladamente. A presença do sindicato como agência portadora de modalidades de organização de classe e como agência mediadora de políticas e bandeiras de luta nacionais é indissociável da formação de uma comunidade moral militante com certa tendência à hierarquização e segmentação. (Fernandes 2009, p. 323).

Foi no período pós golpe militar que o papel da mulher foi surgindo e tendo importância nos movimentos sindicais. De acordo com Duarte:

[...] já na década de 70, com o sindicalismo rural sendo mais assistencialista, uma consequência da transformação que o golpe militar trouxe para o movimento, propiciou-se uma maior abertura para a participação feminina. Tornou-se assim possível o aparecimento das mulheres no meio sindical e o início do papel da mulher não apenas mais como esposa e mãe, mas como figura de importância na luta travada contra a máquina do Estado e do capitalismo, como sindicalizada e trabalhadora rural. (Duarte, 2009, p.11).

A consequência que o golpe militar trouxe aos sindicatos foi de caráter assistencialista, porém auxiliou a abertura para participação das mulheres nos sindicatos. Foi depois deste período, que começaram a surgir as lideranças femininas, ainda no período em que a associação pertencia a grande regional de Porto Alegre.

Outro fato que podemos observar no período de lutas de reconhecimento das mulheres, é que para uma grande parte de lideranças sindicais, a sindicalização de mulheres deveria ser proibida por lei, pois já estava assegurada pelo fato de serem dependente dos maridos:

Líderes sindicais argumentaram que as mulheres não eram trabalhadoras rurais; uma vez que elas eram dependentes de seus maridos não necessitariam juntar-se aos sindicatos, pois elas tinham seus benefícios garantidos; e eles chegaram mesmo a argumentar que a sindicalização de esposas fosse proibida por lei, embora este não tenha sido o caso. (Deere,2004, p.180).

De acordo com Paulilo (2010), “ *a importância do pertencimento a um sindicato se explica pela necessidade das mulheres de serem reconhecidas como profissionais, no caso, produtoras rurais*” (p. 4). Tendo isso em vista, a participação ou reconhecimento foi muito importante para as mulheres, pois a partir de então, elas também seriam reconhecidas nas políticas públicas. Ainda pelo fato de precisarem ser reconhecidas como agricultoras e não dependentes dos maridos.

A participação das mulheres nos sindicatos no meio rural teve forte interferência das igrejas. Segundo Fernandes (2009) “*no meio rural, essa influência foi decisiva para a participação feminina, pois a igreja é um dos poucos lugares públicos que as mulheres sempre frequentaram e são estimuladas a fazê-lo.*”(p.181). O mesmo fenômeno também é observado na trajetória da associação, onde



a igreja também teve participação na construção da sindicalização das mulheres agricultoras.

Para Salles (2007) *“a participação em movimentos sociais incentiva as mulheres mais atuantes a romper com a rígida divisão de papéis, com o lugar já predeterminado na família, no trabalho, e a ocupar espaço no campo político”* (p. 442). Na associação, esta ocupação de espaço acontece no início de sua difusão, onde as mulheres mais atuantes apoderam-se dos cargos mais importantes, como no caso a coordenação dos trabalhos.

De acordo com Schaaf (2003), na medida em que a mulher quer participar da estrutura, é porque está se sentindo satisfeita, mas precisa da aprovação do marido através de negociação, percebendo a participação como um direito:

Quando a mulher quer fazer parte do movimento de forma estrutural, porque a participação nele está proporcionando-lhe satisfação, ela vai ampliando seu espaço de negociação, buscando a aprovação do marido e a superação de seu próprio sentimento de culpa. Assim, com o passar do tempo o “pedir” permissão ao marido vai-se tornando negociação com o marido, ou seja, ela começa a perceber a participação como direito (Schaaf, 2003. p.433).

Esta participação nos movimentos sindicais foi uma fonte de novos conhecimentos, troca de saberes e valorização. O que também acontece na Associação do Vale do Caí, com curso de capacitação, de valorização do gênero, encorajando as mulheres a buscarem espaço em diversos campos.

De acordo com Schaaf (2003), a participação neste espaço proporcionou a valorização da mulher e ainda um laço de amizade com pessoas de fora de sua localidade.

Participar do movimento foi destacado por todas as participantes como um grande prazer, não somente pelo conhecimento obtido, mas também pelo carinho e amizade com as outras mulheres e pela valorização como pessoa, que contrastam com a carência sentida em casa (Schaaf 2003. pg.428).

Na associação do Sindical do Vale do Caí, as mulheres realizam anualmente em confraternização com todas as agricultoras associadas, o dia 08 de março, em um encontro com acolhida, com palestra de motivação, almoço em conjunto e muitas brincadeiras, tornando o dia destas mulheres de valorização para a categoria.

A busca de espaço para atender seus interesses em diversas organizações pode ser percebida, conforme Dajui (2006), como:

[...] a diversificação da participação da mulher em organizações sociais e políticos começam a ser percebidos de diferentes maneiras, as quais

revelam que as mulheres, atualmente, estão preocupadas em buscar espaços apropriados para demandar seus interesses tanto práticos como estratégicos (Dajui, 2006.p. 169).

A participação das mulheres nos diversos espaços, fez com que a Associação Sindical do Vale do Caí tivesse representação do gênero na política da região com a eleição de vereadoras, conselhos municipais, outras associações e diferentes tipos de organizações presente na região.

O que podemos destacar, com isso, é que a sindicalização está bem avançada no campo de atuação da associação regional do Vale do Caí, que ao longo de boa trajetória foi comandada por mulheres, como participação nas diretorias, em cargos efetivos em todos os sindicatos associados.

Ainda podemos destacar quando as mulheres são lançadas a assumir cargos em diretorias ou associação sindicais, a exemplo do trabalho, certificam que são capazes de representar as entidades da mesma forma que os companheiros. Conforme Boni:

As trabalhadoras rurais querem, assim, demonstrar que são capazes de exercer as mesmas funções que seus companheiros e que, para participarem do Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais (MSTR), têm de participar de sua estrutura através dos cargos eletivos (Boni, 2002 p.294).

Por outro lado, não basta preparar para assumir cargos, mas sim compreender o gênero das trabalhadoras rurais, pois, de acordo com, Duarte (2009) *“há uma necessidade de se conhecer a situação real dessas mulheres trabalhadoras rurais nos aspectos como um todo, bem como prepará-las para buscar e debater soluções para seus problemas específicos”* (2009, p12).

O que é preciso destacar é o papel que a associação faz, com a realização dos cursos, oferecido a todos associados e associadas. Uma importante formação que ocorre é o curso de lideranças, onde são trabalhados os temas do gênero e a importância da sindicalização da categoria.

Na contextualização teórica da trajetória sindical da mulher, destaca-se o período de exclusão da participação, bem como a importância da participação da sindicalização do gênero, porém é preciso ser evidenciado o papel da mulher frente às instituições com relevância da sua atuação. Visto que a associação tem e teve diversas lideranças femininas em todas as suas unidades sindicais e espaços políticos, pode-se considerar que sua participação foi de fundamental importância para os avanços alcançados pelo sindicato.

## 2. HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ.

### 2.1. A origem da participação da mulher na Associação

A origem da participação das mulheres do Vale do Caí nos STRs começou em 1982, quando convidadas a fazer parte das reuniões de seus sindicatos, reuniões nas comunidades e cooperativas, encontros da Pastoral da Saúde, Movimento de Barragens, Movimento da Juventude e da Pastoral da Terra. Temos os STRs de Dois Irmãos, Feliz, Torres e São Sebastião do Caí como os pioneiros da inclusão da mulher em suas instâncias.

A partir de então as mulheres começam a busca e a articulação de espaço dentro do movimento sindical.

No município de Feliz houve reuniões nas comunidades do interior exclusivamente para as mulheres, onde nestas reuniões foram escolhidas mulheres para fazerem parte da comissão municipal de mulheres. No ano de 1983, a grande regional de Porto Alegre organizou protestos pela previdência, políticas agrícolas e projetos de saúde, onde as mulheres do Vale do Caí já participaram conforme histórico da associação.

No ano de 1984 começam a surgir as primeiras comissões municipais de mulheres no STRs de Dois Irmãos, Feliz, Ivoti e São Sebastião do Caí. Ainda neste ano iniciou a participação efetiva das mulheres nas reuniões regionais, onde na época já ocorriam encontros de formação.

Já no ano 1985, a comissão estadual do movimento de mulheres margaridas<sup>2</sup> e das pastorais planejaram realizar uma celebração pela morte das tecelãs de Chicago<sup>3</sup>, onde conforme registro, temos a primeira intenção de realizar 8 de março pela comissão das mulheres do STR de Feliz. Porém, no decorrer da construção do

---

<sup>2</sup> A escolha do nome Marcha das Margaridas e da data é uma homenagem à Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba. Ela foi assassinada em 12 de agosto de 1983, a mando de latifundiários da região. Por mais de dez anos à frente do sindicato, Margarida lutou pelo fim da violência no campo, por direitos trabalhistas como respeito aos horários de trabalho, carteira assinada, 13º salário, férias remuneradas. Margarida dizia que "É melhor morrer na luta do que morrer de fome

<sup>3</sup> "O Dia Internacional da Mulher Trabalhadora é considerado como uma jornada de luta feminista em todo o mundo em comemoração do dia 8 de março de 1908, data em que as trabalhadoras da fábrica têxtil 'Cotton', de Nova York, declararam greve em protesto pelas condições insuportáveis de trabalho. Na sequência disso, ocuparam a fábrica e o patrão prendeu-as lá dentro, fechou todas as saídas, e incendiou a fábrica. Morreram queimadas as 129 trabalhadoras que estavam lá dentro." (*Victória Sal, Dicionário ideológico feminista, 1981*).

evento, a demanda foi crescendo, que fora necessário a FETAG auxiliar a realização do evento, transferindo em primeiro momento para a Assembleia Legislativa em POA. Devido ao número de participantes – algo em torno de 10 mil trabalhadoras rurais – foi transferido para o “Gigante da Beira Rio”. Neste ano foi criada a Comissão estadual de Mulheres da FETAG, onde Ereni Maria Klein Kolling, Maria Helena Baumgarten, Maria Dalpozo Pacheco, se revezavam na participação das reuniões.

A grande regional de Porto Alegre realizou seu primeiro “8 de março” em Ivoti no ano de 1986. Conforme registro, neste ano iniciou-se uma grande campanha pela sindicalização de mulheres trabalhadoras rurais, proposta aprovada no encontro do ano anterior. No mesmo ano ainda, um grupo de mulheres foi a Brasília encaminhar as reivindicações levantadas no dia 17 de outubro de 1985. Ainda no referido ano ocorreu o 1º congresso estadual de trabalhadoras rurais, onde o STR de Feliz esteve representado com quatro mulheres e o STR de Ivoti com uma.

Em 1987 foi realizada uma grande mobilização, no dia 8 de março, no Gigantinho, em Porto Alegre, firmando a data como o dia de mobilizações e de lutas. Conforme relatório de atividades elaborado pela assessora da regional, a associação participou com 28 ônibus cheios de mulheres, sendo que 12 mulheres do Vale do Caí se expressaram na Tribuna Livre. As mulheres começaram a fazer parte das Diretorias efetivamente nos Sindicatos, de acordo com o relatório, no STR de Feliz, quatro mulheres passaram a fazer parte, assim tornando-se um exemplo para que outros Sindicatos também buscassem as mulheres para compor a diretoria.

No ano da Promulgação da Constituição Federal de 1988, as mobilizações do “8 de março” foram realizadas regionalmente. Ainda na regional se estudava, conforme registros, sobre temas polêmicos até os dias de hoje, tais como formas de sociedade, partidos políticos e centrais sindicais.

No ano 1989, em meados de setembro, houve a divisão da grande regional de Porto Alegre, em três regionais. Com esta difusão, surgiu a Associação Regional Sindical do Vale do Caí. Ainda de acordo com os registros foi realizado o maior encontro Estadual de Trabalhadoras Rurais e a associação foi representada por Ireni Kolling no 1º encontro Inter Estadual de trabalhadoras Rurais e também no 2º Seminário Nacional na CONTAG em Brasília.

## **2.2. Histórico de atuação das mulheres trabalhadoras rurais na associação**

A partir do surgimento da associação nos anos 1990, foi eleita a primeira coordenação regional, onde as mulheres começaram a fazer parte no cargo de secretária e suplente do conselho fiscal. Ocorreu, ainda, a indicação da Maria Helena Baumgarten para a comissão estadual das mulheres. Ainda neste ano, ocorreu a eleição da primeira mulher ao cargo de presidente do STR de Feliz. Os encontros de “8 de março” foram realizados em nível municipal por cada STR.

No ano 1991, em meados de abril, a associação elegeu a primeira coordenadora mulher, assumindo assim a frente dos trabalhos Maria Helena Baumgarten, já a coordenação das mulheres ficou a cargo de Gerta Behne do STR de Ivoti e a coordenação dos jovens ficou a com Regina Marilene Lippert. O ano foi marcado por diversas reuniões de base com mulheres na área de abrangência da associação. Também foi o ano do 5º congresso da CONTAG, onde as mulheres do Vale do Caí se fizeram presentes através da presidente do STR de Feliz.

O grande acontecimento de 1992 foi a ocupação do prédio do INSS de Porto Alegre, onde várias mulheres da associação participaram, conforme relatos da entrevistada Gerta, as mulheres não tinham medo do enfretamento para reivindicar. Ainda de acordo com a entrevistada, ficaram acampadas durante 52 dias neste prédio:

Um dia estávamos lá em Porto Alegre, daí o Ministro da saúde veio para Porto Alegre, lá no INSS, a gente estava um grupo de mulheres, ele estava numa sala e pegou as suas coisas, parece que vejo ainda, para ir embora, aí a Elenir correu na frente dele e pegou na gravata e empurrou para trás. Foi uma folia só, ficamos acampadas durante 52 dias no prédio do INSS da capital (Entrevista com G. B. 24/08/2017).

De acordo com o relatório analisado, neste ano começaram os primeiros pagamentos das aposentadorias para as mulheres trabalhadoras rurais. O protagonismo das mulheres da associação foi muito além, conseguiram eleger uma representante dentro da direção da FETAG, ao cargo de primeira suplente representada pela presidente do STR de Feliz, assim acumulando este três os cargos de presidente do STR, mais a coordenação da associação e a suplência na direção da FETAG.

No ano 1993, conforme relatório foi o ano das efetivações dos conselhos municipais. Na bandeira das mulheres destacamos a luta pela saúde pública, por

mais recursos e pelo fortalecimento do SUS. A dirigente do STR de Ivoti Gerta Behne foi reeleita para a Comissão de mulheres da associação. Foi realizado o 1º encontro regional de mulheres líderes e diretoras, com participação das diretoras da FETAG, com representação de 9 STRs filiadas à associação.

Em 1994, a senhora Gerta Behne, representante do STR de Ivoti, foi eleita para compor a comissão estadual de mulheres, ainda neste ano foi realizado o 1º encontro regional das mulheres em Ivoti, no dia 8 de março, reunindo 1054 mulheres agricultoras. A bandeira de luta que as mulheres defendiam era um projeto de desenvolvimento rural sustentável, o PADRSS<sup>4</sup>.

No ano 1995, o encontro regional de 8 de março ocorreu na cidade de Harmonia, com a presença de 1350 mulheres agricultoras associadas aos STRs. Houve troca na comissão estadual por parte da associação regional sindical do Vale do Caí, a qual indicou Maria Beatriz Kremer. Este ano ainda seria marcado para as mulheres do Vale do Caí, com a indicação da presidente do STR de Feliz, ao cargo de vice-presidência da FETAG, sendo assim a primeira mulher efetiva na diretoria da federação.

No ano de 1996, foi eleita a segunda mulher para ocupar a coordenação dos trabalhos a frente da associação, a agricultura dirigente sindical do STR de Ivoti senhora Gerta Behne. Ainda conforme registro o 8 de março foi realizado em Porto Alegre no Ginásio Municipal Tesourinha. De acordo com os registros, foi realizado o 2º Encontro Estadual de mulheres dirigentes sindicais, onde foi criado o regimento interno das mulheres, tendo como responsável a representante da comissão estadual de mulheres Maria Beatriz Kremer. O regimento foi amplamente discutido e aprovado na reunião da regional no mês seguinte.

Já no ano 1997, o cargo da coordenação dos trabalhos da regional não teve alteração, também foi reeleita a comissão das mulheres. De acordo com relatório, o tema central das mulheres foi marcado pela preservação da saúde da mulher, como os cuidados com a mama, toda a parte ginecológica e mental das mulheres, promovendo palestras nas esferas dos STRs. Ainda, se registra que naquele período já se debatia o uso excessivo de agrotóxicos. A data do “8 de março” foi realizada com dois eventos intermunicipais nos municípios de Ivoti e Pareci Novo.

---

<sup>4</sup> Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

Em 1998, a coordenação dos trabalhos da associação continua a cargo de Gerta Behne, mas a comissão de mulheres passou a ser liderada pela Maria Beatriz Kremer tendo como suplente Maria Inês Bervian do STR de Ivoti. Foi um momento em que as mulheres começaram a sua preparação, através de cursos de comunicação e lideranças. As questões sobre o uso dos agrotóxicos e suas consequências continuam na pauta das mulheres conforme relatório. Ainda houve a mobilização das capacitações das conselheiras de saúde para atuarem nos seus respectivos municípios. A associação promoveu neste ano diversos cursos em parceria com a FAMURS, hospitais filantrópicos e outras entidades. Coube ao STR de Tupandi realizar o encontro regional do dia 08 de março.

No ano 1999, o “8 de março” ocorreu com encontros municipais em nível regional. Ainda, ocorreu um grande encontro estadual para mulheres dirigentes sindicais. As mulheres juntamente com os jovens se desafiaram a nível de regional Vale do Caí, participando do 1º Festival Estadual da Canção do MSTTR, onde o Vale do Caí participou com uma canção de uma jovem de Ivoti, intitulada “Mulheres de Fibra”. A comissão de mulheres não sofreu alterações. As questões de agroecologia começaram a ser desmistificadas na regional pelos eventos do dia Nacional da Alimentação em parceria com a EMATER. No ano de eleição da FETAG, a associação defendeu e manteve o cargo de sua representante mulher na 2ª vice-presidência, para o mandato de 1999 a 2003. Este ano foi marcado por grandes debates em todo MSTTR e as mulheres tinham bandeiras fortes saúde. A discussão de um projeto alternativo de alimentação saudável, PADRSS, os efeitos dos transgênicos e a influência na reprodução humana que estes provocam.

No ano de 2000, as comemorações do “8 de março” foram em único encontro em nível estadual no Gigantinho em Porto Alegre. Ano marcado para as mulheres do MSTTR com a realização da 1ª marcha das Margaridas em Brasília. Foi um ano de muita organização e comprometimento na busca da ocupação dos espaços que até então eram ocupados apenas por homens. A associação investiu muito na formação de lideranças, oportunizando participação e assumindo tarefas árduas nos municípios. No final deste ano a CONTAG confiou a representação do Conselho Nacional de Saúde para a FETAG/RS, que indicou a sua 2ª vice-presidente Maria Helena Baumgarten, que representou a associação regional sindical do Vale do Caí, pelo fato dela ser batalhadora dentro desta área, durante o mandato de 2000 até 2006.

Já no ano de 2001, na comissão de mulheres continuam Gerta Behne e sua suplente, Eva Bender, do STR de Dois Irmãos. Ainda neste ano, a associação passou a ocupar uma das vagas no conselho fiscal da CONTAG até o ano de 2005. No ano 2002, as comemorações do “8 de março” foram realizadas no município de Ivoti, com a participação do INSS de Novo Hamburgo. Deste encontro foi produzido um vídeo para cada STR associado. Ao final do ano ocorreram eleições na FETAG, e a associação indicou pela terceira vez uma mulher para ocupar o espaço destinado para o Vale do Caí.

Em 2003, as comemorações do 8 de março da associação ocorreram no município de Dois Irmão. Neste ano ainda aconteceu a segunda Marcha das Margaridas em Brasília.

Já em 2004, a associação teve eleições, porém o então empossado em fevereiro, saiu em agosto e, por esse motivo, foi empossada a segunda mais votada das eleições: a senhora Lisete Maria Schlindwein, de Tupandi. Na Comissão de mulheres não houve alteração e o dia Internacional da Mulher foi realizado, porém sem registro de onde ocorreu. Neste ano ainda foi lançado o PRONAF mulher, onde a primeira mulher que teve o seu projeto aprovado foi do Vale do Caí.

Em 2005 foi retomada a discussão sobre a associação contratar assessora, onde um único nome foi apresentado e logo aprovado com 15 votos favoráveis, seis votos contra e dois brancos. Neste ano ocorreu a efetivação da associação, passando a ter estatuto e regimento eleitoral, ou seja, passamos a ser entidade jurídica a partir de 22 de agosto. O estatuto e o regimento foram amplamente debatidos e esclarecidos, após aprovado por unanimidade. As comemorações do “8 de março” foram em nível regional, porém sem registro de onde ocorreu.

No ano 2006, o encontro regional em comemoração ao 8 de março ocorreu em Montenegro e foi grande a participação das mulheres, entretanto com algumas dificuldades pelo fato de o STR anfitrião não ter comissão municipal de mulheres. Ao final do ano ocorreram as eleições na FETAG, onde temos registro de disputa e articulações contra a possível indicação de mulher ao cargo dentro da federação. Assim o indicado foi Edio Klein, mas esta disputa não parou por aí, ao ponto que a associação precisou substituir a coordenadora que era mulher e tendo como outra consequência o seu afastamento da diretoria do STR de Tupandi, fruto da disputa de espaço e exclusão da mulher.



Em 2007, a associação convocou eleições, quando novamente as mulheres se destacam e assume a frente dos trabalhos Rejani Ireni Bender Klein e mais outras cinco mulheres nos cargos de secretária, conselho fiscal e suplências. A comissão de mulheres foi eleita para representar a associação as senhoras Maria Inês Bervian e Lisete Maria Schlindwein, foi também o ano da 3ª Marcha das Margaridas em Brasília, as comemorações do “8 de março” ocorreu em nível regional, porém sem registro de onde aconteceu.

Conforme os registros, em 2008, as comemorações do dia “8 de março” aconteceram no município de Ivoti. Foi o ano que as mulheres começaram a fazer o seu planejamento de atividades para o ano seguinte, isso regionalmente com participação daqueles que tinham comissão municipal. No ano 2009, as comemorações do “8 de março” ocorreram na Vigia, interior do município de São Sebastião do Caí.

Posteriormente, em 2010, as comemorações do “8 de março” ocorreram no município de Morro Reuter, onde existe uma extensão de base do STR do município de Dois Irmãos. Neste ano as mulheres começaram a fazer cursos de Capacitação Profissional através do SENAR. E as representantes na comissão mulheres continuaram sendo Maria Inês Bervian e Lisete Maria Schlindwein. No final deste ano teve eleição da FETAG, onde novamente uma mulher volta a ocupar um cargo: a senhora Juliana Dullius Wingert passou a representar a associação na gestão 2011 a 2014, que conforme registro teve prorrogação de mandato até 2015.

No ano de 2011, a associação entrou em processo eleitoral, onde as mulheres continuaram a frente dos trabalhos com a senhora Juliana Dullius Wingert. As comemorações do “8 de março” foram realizadas no santuário nossa senhora da aparecida, em Conceição, no município de São Sebastião do Caí. Neste ano ainda ocorreu a 4ª marcha das margaridas em Brasília, com grande participação das mulheres do Vale do Caí. No ano 2012, as comemorações do 8 de março ocorreram no ginásio de esportes de Bom Princípio, com palestras voltadas a autoestima da mulher.

Em 2013 a associação entrou em processo eleitoral de diretoria regional, Juliana Dullius Wingert foi reeleita como coordenadora e este mandato foi inclusive prorrogado por mais um ano. Por causa de mudanças na federação e para a Comissão de mulheres, foi eleita novamente Maria Inês Bervian Ivoti e Vera Zimmer de Dois Irmãos. As comemorações do dia 8 de março neste ano ocorreram no

município de Marata, reunindo todas as mulheres associadas aos STRs ligados à associação. Ainda no mesmo ano, por empenho e organização da associação, foram realizados dois cursos do PRONATEC pelo IFRS campus Feliz, onde registramos a participação de diversas mulheres trabalhadoras rurais.

De acordo com os registros, em 2014 a associação promoveu um curso de biodinâmica para um grupo de mulheres em parceria com a ECOCITRUS. O encontro de comemoração ao dia “8 de março” ocorreu na cidade de Tupandi.

No ano 2015 aconteceu a 5ª marcha das margaridas em Brasília, onde tivemos uma grande participação de mulheres agricultoras do Vale do Caí. Ainda se encontra nos registros a eleição da FETAG, onde novamente é indicada Juliana Dullius Wingert para representar a associação. Neste ano as festividades do dia “8 de março” foram realizadas em âmbito regional no distrito de Santa Teresinha, do município Bom Princípio.

Fecharemos a trajetória de atuação das mulheres no ano de 2016, onde por sinal fica visível de acordo com registro, a presença do machismo no processo eleitoral da própria associação, com declarações fortes *“de que eles conseguiram tirar as mulheres e conseguiram os homens assumir uma vez de novo a associação regional”* (Entrevista com M. H. B. 05/09/2017). Ainda conforme registros, houve articulação paralelas discriminando a participação das mulheres na linha de frente dos trabalhos da associação. Neste ano a comemoração ao dia das mulheres ocorreu no município de Presidente Lucena, sendo este, uma extensão de base do STR de Ivoti.

### 3. ASSOCIAÇÃO REGIONAL SINDICAL VALE DO CAÍ E PARTICIPAÇÃO DA MULHER

#### 3.1. Formação que as mulheres possuem

De acordo com o IBGE, dados do censo 2010, quase metade da população brasileira (49,25%) com 25 anos ou mais não termina o ensino fundamental. O índice é mais alto nas áreas rurais, onde 79,6% dos brasileiros nessa faixa etária não terminaram o ensino fundamental. Conforme as entrevistadas, o grau de escolaridade que elas possuem, pode-se observar que metade das entrevistadas possui o ensino fundamental completo, e apenas duas possuem incompleto, mas constata-se que quatro possui ensino médio completo.

É pertinente mencionar que o grau de escolaridade das entrevistadas não reflete os dados do IBGE, pois todas são agricultoras dirigentes sindicais moradoras das áreas rurais, que conforme coleta de dados observa-se que 83,34% das entrevistadas possui o ensino fundamental completo, sendo que deste índice 33,34% possui o ensino médio completo.

#### Gráfico 1: A escolaridade das entrevistadas.

Fundamental Incompleto	Fundamental Completo	Médio Completo	Total Entrevistadas
2	6	4	12
16,66%	50,00%	33,34%	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme resposta das entrevistadas, todas elas possuem o curso de formação de Lideranças, oferecido pelo próprio STR. Outras foram além e fizeram em nível regional a formação de Lideranças oferecida pela associação, porém ainda encontramos no grupo aquelas que fizeram o curso em nível Estadual pela FETAG. Salienta-se a importância que estes cursos têm para a formação das mulheres na instância da atuação dentro da associação.

De acordo com a dirigente J.D.W., para ela estes cursos foram importantes para a trajetória dela, pois muito se aprendeu sobre a estruturação sindical.

*“Sucessão rural gênero e geração, Movimento Sindical a própria estruturação do movimento gestão de propriedade”* (Entrevista com J. D. W. 21/08/2017).

Para a M. L. S. L., as formações oferecidas pela estrutura sindical, tanto em nível local, como a ofertada pela associação, fizeram toda a diferença nas tomadas de decisões frente ao STR: *“muito, fizeram a diferença porque influenciou muito na maneira de eu ver, analisar certas situações e agir na maneira de como eu tenho que agir”* (Entrevista com M.L. S. L. 08/09/2017). Ainda para a entrevistada estas capacitações foram importantes e ao mesmo tempo houve a cobrança da família porque a participação dela *“ajudou bastante, através das capacitações que veio através do sindicato, aquele curso que nós fizemos que coisa bem boa, no início assim houve sempre o porquê tu tens quer ir teve, teve critica sim, mas eu persisti ”* (Entrevista com M.L. S. L. 08/09/2017).

Mas para a entrevistada L. M. S., quando inicio sua trajetória dentro do STR no ano 1994, acreditava que não estava preparada para assumir o cargo, tanto que ela por conta própria foi atrás de capacitação, pelo fato que naqueles anos a associação não oferecia o curso de capacitação de lideranças.

Na época não, porque eu fui de supetão, eu queria ser presidente, eu tinha dificuldades, mas não tinha medo, tanto que um amigo que então era tesoureiro ele tinha um livro que fala sobre os deveres de uma secretária e ali como fazer ata, ali eu fui me capacitando em fazer atas (Entrevista com L.M. S. 12/09/2017).

Segundo M. R. S., mesmo participando da formação, acreditava que não estava preparada para assumir o cargo de direção do STR, pois a sua presença nestes cursos acontecia devido ao presidente do período precisar arrumar público para efetivar a participação do STR na formação de novas lideranças. *“Eu achei que não dava, porque sempre achava que não tinha capacidade, porque eu não imaginava que eu ia assumir porque foi muito rápido tudo, eu fiz os cursos porque precisava colocar gente, o presidente me colocava”* (Entrevista com M. R. S. 11/09/2017).

A entrevistada J. A. F. acredita que a formação que é oferecida tanto pelos STRs, como em nível regional é importante para a capacitação das dirigentes, fortalecendo o conhecimento da finalidade do movimento sindical. *“Sim, primeiramente para ter mais conhecimento sobre nossa área mesmo que é*

*agricultura, porque muitas vezes a gente nem sabe para que o sindicato serve”* (Entrevista com J. A. F. 28/08/2017).

### **3.2. Atuação das mulheres frente aos Sindicatos, que juntos formam a associação**

Para a G.B., que iniciou sua atuação frente ao STR em 1984, com participação em encontros de nível estadual, ela relata que foi muito difícil, pois era descendente de origem germânica e pouco sabia falar em português. Mas ao mesmo tempo ela não comprometia sua atuação em nível local. Ainda pode-se observar na fala dela que em primeiro momento a participação das mulheres fica restrita a reuniões separadas dos homens.

Primeiramente, não, não sabia falar português, eu ia numa reunião e não falava o dia todo com vergonha, mas já escrever uma redação ou ata, eu fazia sem nenhum erro, mas para falar não saia palavra da boca, ai não fala, eu escutava e anotava, muito tempo eu fazia relatórios das reuniões, porque no começo as mulheres tinham suas reunião separadas, os homens numa sala e as mulheres em outra e depois do meio dia as reuniões se juntavam, ai sempre era feita uma ata de cada reunião, ai eu fiz por um bom tempo sempre está ata (Entrevista com G. B. 24/08/2017).

Também encontrei ao longo das entrevistas, relatos que o próprio presidente homem de um STR, prejudicava os trabalhos realizados pela mulher frente ao sindicato. A entrevistada relata que não tinha espaço dentro do STR, pois começava a motivação das mulheres para juntas debaterem assunto da revista das mulheres editada pela FETAG e logo adiante o grupo se desfazia.

No sindicato eu não tinha espaço para fazer um trabalho, eu iniciei várias vezes reuniões de mulheres e fazer trabalhos em cima da revista outros assuntos ideias de trazer a assessora uma vez eu consegui, mais daqui a pouco aquilo ia se terminando, e eu me perguntava várias vezes o porquê, hoje, mas depois que eu não estava mais, muitas mulheres vieram me falar que o próprio presidente vinha e dizia assim, isto não vai dar em nada, a Alfredina<sup>5</sup> não leva nada adiante e não sei o que e ai uma a uma iam parando quando via tinha 2 ou 3 que vinham, então no sindicato eu não tinha espaço para fazer um trabalho (Entrevista com L.M. S. 12/09/2017).

Por outro lado, a entrevistada que já ocupou um cargo dentro da associação relata que não tem queixa de sua atuação à frente da regional sindical, mas volta a

---

<sup>5</sup> Para fins de preservar a identidade da entrevistada foi usado um outro nome.

compartilhar a perseguição que sofria por seus companheiros de STR: *“mas na regional eu nunca posso me queixar, tinha uns inconvenientes nas sempre quando o nosso presidente se opunha a alguma situação ao meu favor no caso”* (Entrevista com L.M. S. 12/09/2017).

A partir da entrevista com M. H. B., observa-se na fala dela que, ao exigir o cumprimento estatutário, sofreram graves consequências ao ponto de serem excluída do STR, prejudicando sua atuação dentro do sindicato. Associada desde 1982, batalhadora pelos direitos das mulheres no Vale do Caí, relata que outras instâncias superiores tentaram reverter a situação, porém não obtiveram êxito, ficando assim comprometida sua atuação frente ao movimento sindical em seu município.

No sindicato esta última situação ao ponto de ser excluída por querer corrigir o caminho de cumprimento do estatuto né, chega ao ponto de ser excluída inclusive do quadro social, isso foi uma perseguição muito forte né, nenhum homem com nenhum homem isto foi feito.... Ao ponto de chegar a federação a direção da federação e defender que não precisava ser assim. O presidente da Contag, veio duas vezes e não conseguiram reverter o quadro, então se eu também disser não teve nunca, eu também tô errada, não posso me enganar. Essa foi uma coisa, se eu não vi antes nunca aí foi tanto tapa na cara que eu acordei de uma só vez (Entrevista com M. H. B.05/09/2017).

De acordo com a entrevistada, em seu período de atuação dentro do STR, que terminou no ano 2002 e na associação terminou em 2016, ela revela que sempre foi positiva com muita vontade de buscar melhorias para a categoria a qual estava representando.

Sim, eu vou dizer a mesma palavra que sempre digo até parece um meio registro, eu sempre tive muita vontade de trabalhar para o povo, e daí eu me auto denominava assim. Acho que tinha muita cara de pau, porque eu não via maldade em ninguém. Eu sempre tinha muita vontade de que isto pode ser feito, pode sim ser feito, e eu ia fazia e dava certo, eu tinha os apoios, se eu não estava preparada então todos me ajudaram a dar certo (Entrevista com M. H. B.05/09/2017).

A dirigente J. A. F. relata em sua entrevista que uma das dificuldades dela frente a sua atuação é a insegurança, mas ao mesmo tempo acredita que faz parte da vida. Mas afirma que isto não compromete seu trabalho junto à associação, devido a formação que adquiriu ao longo de sua trajetória: *“prepara sim, mas um pouco insegura, porque acho que insegurança faz parte da vida de todo mundo”* (Entrevista com J.A. F. 28/08/2017).

Já V. Z. acredita que sua atuação dentro do STR esteja boa, mas ao ser questionada sobre sua atuação frente à associação, ela acredita que não está

fazendo um bom trabalho aos olhos dos demais integrantes: *“aqui eu acho muito bom, agora na regional eu acredito que eles não gostam muito do meu serviço, são meio...”* (Entrevista com V. Z. 31/08/2017).

### **3.2.1 A importância da estrutura sindical para como o desenvolvimento rural, na visão da dirigente**

Ao ser questionada sobre a importância do STR para a comunidade de abrangência, a entrevistada compartilha de diversas conquistas que obteve ao longo de suas reivindicações. Fato que chama atenção neste relato, é que a questão ambiental já estava em pauta das reivindicações das mulheres no início da sua participação sindical rural.

Tudo o que acontecia, como a energia elétrica que não funcionava no meio rural, aposentadoria, várias reivindicações, batalhas contra a poluição dos rios trabalhando contra a poluição. Uma outra conquista foi a energia elétrica rural diferenciada para a agricultura familiar (Entrevista com G. B. 24/08/2017).

De acordo com C. M. B. J. a conjuntura sindical rural do Vale do Caí é muito importante, mas acredita que ela não está alcançando o devido potencial que precisaria atingir. Em sua fala ainda compartilha que os STRs deveriam buscar mais os agricultores para participar das tomadas de decisões.

Ela é importante, mas ela não está fazendo o papel que deveria estar fazendo, muito fraca, eu acho que o pessoal está procurando muito pouco os agricultores, eu acho que os presidentes deveriam procurar mais os agricultores e deveriam fazer mais reuniões de diretoria e falar tudo (Entrevista com C. M. B. J. 12/09/2017).

Já a entrevistada que ocupou um cargo dentro da associação, menciona que o comprometimento de alguns STRs com o progresso das comunidades era visível, mas tinham, conforme ela, aqueles que nem faziam questão de debater, pois renderia demanda de serviço a ser executado enquanto dirigente: *“se fala muito, mas em alguns municípios funcionava, em alguns municípios sim, mas outros nem davam bola, nem faziam questão de discutir, é que dava trabalho”* (Entrevista com L.M. S. 12/09/2017).

Segundo J. A. F. muitas das conquistas dos STRs, estão deixando para outras entidades receber o bônus, enquanto ônus fica a cargo, mas para ela em nível regional pode-se pontuar como uma acomodação de alguns dirigentes: *“eu acho que os sindicatos no geral estão deixando muita coisa para a Emater, talvez por causa do comodismo ou uma coisa assim, se for ver a nível regional mesmo”* (Entrevista com J. a. F. 28/08/2017) – deixando assim comprometida a importância da estrutura sindical para com o meio rural.

Para M. R. S. a importância da presença dos STRs no meio rural está na conscientização da relevância da sucessão rural. Ela relata que em nível local formaram um grupo de jovens, trabalharam com as mulheres o projeto das sementes crioulas do Bannrisul com entidades parcerias, juntamente com as escolas do campo do município.

Para a sucessão rural eu dou muito valor, consegui montar uma comissão de jovens aqui, comissão de mulheres que não tinha, estou com o projeto de sementes crioulas pelo Bannrisul. Primeiro sindicato da regional que fez, este projeto recebemos para três mil reais sementes, tu fazes o projeto junto com a Emater e faz o pedido das sementes de 0 a 10 mil reais eu consegui para 3 mil reais e veio para quase 3 mil, faltou algumas sementes, só que eu não quis pegar muito mais, porque não, fiquei com medo, porque tu tens que, não é só pegar a semente, tu tens que mostrar trabalho. Depois disto, agricultores trabalhando com estas sementes e duas escolas, poderia ter colocado três escolas, eu só coloquei só duas, porque eu achei que fiquei com medo de não ter pernas para tudo, e já tem escolas na lista de espera, porque são sementes gratuitas de ótima qualidade orgânicas, totalmente orgânicas. Então eu já falei para as meninas se tu botar 10 sementes nascem onze, perfeito (Entrevista com M. R. S. 11/09/2017).

Pode-se observar que a estrutura sindical se encontra em diferentes níveis de importância na sua atuação, variando de acordo com os dirigentes e sua doação à causa. Mas, a exemplo da entrevistada anterior, que ocupa o cargo de presidência, fica visível o comprometimento que possui em torno da causa, pois trabalha em prol dos associados, com busca de melhorias para as suas propriedades.

### **3.3. Formas de articulação em nível municipal**

Para J. D. W. o papel da associação é de organizar em níveis municipais os diferentes grupos de agricultores, articulando com outras entidades, trazendo oficinas de cultivos, na fala percebe-se que ali já está articulado o grupo de mulheres. A exemplo desta forma de organizar as mulheres em grupo, fortifica a



estrutura sindical, pois estas integrantes serão provedoras da multiplicação das ações do STR em suas localidades.

Na associação é mais uma questão de tentar organizar a nível de município as mulheres dentro de uma estrutura que possa ser considerada uma comissão ou coisa assim, aqui no sindicato daí já é um pouco mais adiantada, ela já tem, ela já atua a bastante tempo a uns 4 a 5 anos e ela já tem frequência de reuniões e já tem datas programadas para vistas técnicas que vão para fora do município hoje por exemplo elas estão reunidas e vão ter uma atividade sobre o trato e cultivo de orquídeas, na parte da manhã tiveram uma palestra e tiveram então trocas de produtos e de artesanato que elas fazem entre elas acabam vendendo fazendo um comercio uma troca (Entrevista com J. D. W. 21/08/2017).

De acordo com M. R. S. uma importante ação do STR para fortalecer sua atuação foi a efetivação da comissão de mulheres dentro do município. Vários trabalhos vêm sendo realizados em parceria com assessoria regional sindical, EMATER e Banrisul. O Programa Sementes crioulas tem por finalidade a base ecológica e estratégias de desenvolvimento rural sustentável nas comunidades onde o Banrisul atua. São ofertadas a fundo perdido sementes agroecológicas de diversas espécies, como hortaliças, plantas ornamentais, forrageiras e grãos para projetos que ressaltam a agricultura de base sustentável.

Esta comissão de mulheres eu comecei a trabalhar com elas estás sementes crioulas e o trabalho social. Como eu não tinha nenhum trabalho social ainda, faz um ano agora, foi assim em novembro de 2016, a gente conseguiu formalizar este grupo. A gente se reunia e não dava nada certo, não dava, não dava, e eu teimei e insisti então em novembro a gente conseguiu. A Josefina<sup>6</sup> me ajudou muito, foi bem parceira nisto aí, (Entrevista com M. R. S. 11/09/2017).

Conforme M. V. H. K. no município de atuação do STR a qual ela representa, não se têm uma comissão especifica de mulheres propriamente do sindicato, porque existem nas localidades clubes de mães, onde a EMATER atua, mas ela relata, que vai ao encontro com estes grupos, participando e divulgando as ações STR e ao mesmo tempo contribuído para o esclarecimento das dúvidas que este grupo tem na área sindical.

Aqui no nosso sindicato assim a gente não tem uma comissão especificamente formada aqui em nível de sindicato, porque na verdade em todas as comunidades já tem clube de mães formados via Emater, então a gente não tem como formar mais um grupo de mulheres separado, então a

---

<sup>6</sup> Para preservar a identidade usou outro nome.

gente participa em reuniões destes clubes de mães, eles têm todo mês. Já nas comunidades são 7 ou 8 comunidades que tem seus clubes de mães, então a gente vai uma vez por mês em cada clube de mães participar destas reuniões com eles e ter estas conversas e tirar dúvidas delas (Entrevista com M. V. H. K. 28/08/2017).

Observa-se que, ao nível da associação, vem se trabalhando na articulação com entidades parceiras, para organizar comissões ou grupo de mulheres no município, como a exemplo dos mencionados anteriormente. São das mais diversas formas que ocorre a parceria para o fortalecimento destas ações.

### **3.3.1. A participação dos conselhos municipais**

Os conselhos municipais, também chamados de conselhos de políticas públicas, são ferramentas que possibilitam aos cidadãos uma presença ativa no processo de criação de políticas públicas para os municípios. Importante mencionar que os conselhos de fato são pouco divulgados e, conseqüentemente, ficam invisíveis para boa parte da população. Os STRs da área de pesquisa participam destes espaços, onde em grande parte são as mulheres que ocupam a cadeira disponível para a categoria.

Segundo L. M. S. que participa ativamente dos conselhos em seu município de atuação, sua participação ficava comprometida, pois não tinha espaço para divulgar futuras ações dos conselhos nem dentro da estrutura a qual ela representa junto a estes.

Eu não tinha nem espaço para passar na reunião da diretoria, devido a minha rejeição, mas eu fui tirada pelo medo de eu, pelo fato de ser reconhecida na regional e na FETAG, era medo de eu crescer mais e tirar espaço político partidário do município, mas é bem isto, isto eu digo para qualquer um (Entrevista com L. M. S. 12/09/2017).

Porém, de acordo com a entrevistada M. L. S. L., o STR do qual ela faz parte da diretoria, está representado em todos os conselhos, com vários membros da direção. Fazem um trabalho de divulgação das ações do conselho diretamente ao associado e também em assembleia do próprio STR. Ainda conforme a entrevistada, ela ocupa a presidência do conselho da saúde e acredita que é um trabalho importante a busca pela criação de políticas públicas para a categoria.

Eu faço parte do conselho da saúde e eu sou presidente do conselho atualmente a nível municipal. Então é um trabalho muito importante. A Ivanete faz parte do Cras, do Comdic, daí tem o meio ambiente, agrícola, daí o Paulo<sup>7</sup> consegui mobilizar muitos da diretoria. É repassado para diretoria, para o associado é repassado pessoalmente e se for assunto mais pertinente passa na assembleia (Entrevista com M. L. S. L. 08/09/2017).

A atuação das mulheres dirigentes, quando inseridas na estrutura sindical provoca uma diferenciação em toda a conjuntura do STR. Através, da participação dos espaços de representação que o STR tende, nos conselhos municipais, elas participam com prazer, não exclusivamente pela qualificação recebida, mas sim pela valorização da importância que estes espaços lhe proporcionam.

---

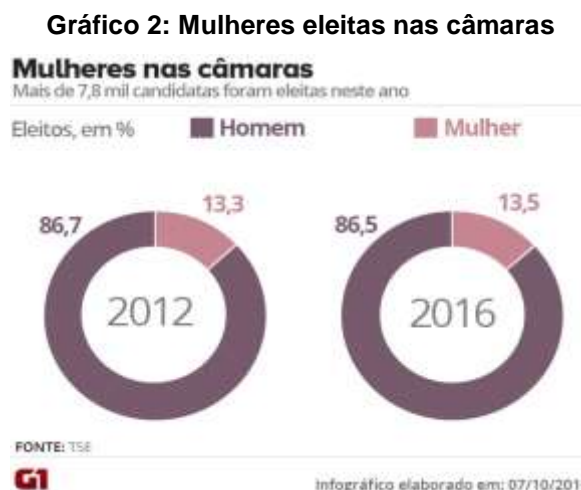
<sup>7</sup> Para a preservação da identidade usou-se nomes fictícios nesta citação de entrevista.

## 4. MULHER NO CONTEXTO DA POLITICA

### 4.1. Participação e a política

A participação feminina no campo político não pode ser resumida em número de cotas de candidaturas, mas sim nas tomadas de decisões. Para Lima, a representação do sexo feminino não precisa ser maior do que masculino, porém que seja assegurado o poder de decisão: *“o que se deve ser salientado não é que a participação das mulheres seja maior que a dos homens no campo político, mas ela deve existir de forma equilibrada, tanto na presença e atuação quanto no poder de decisão política”* (LIMA, 2015, pg. 6).

Conforme, dados do censo IBGE 2010, as mulheres representam 51% do total da população brasileira e os homens 49%, mas estes números não estão reproduzidos proporcionalmente na política. De acordo com o portal G1, em 2016 foram eleitas 7,8mil vereadoras em todo o Brasil, que comparados com o total de eleitos representa apenas 13,5%. Ainda conforme o mesmo portal, após duas eleições municipais com a vigência da lei 2.034/2009, que estabelece no mínimo de 30% de candidatas mulheres, o número de eleitas não sofreu alteração ainda.



Fonte: G1 proporção de vereadoras eleitas se matem após quatro anos. 12/10/2016<sup>8</sup>.

No contexto da atuação da associação e da participação das mulheres no campo político, encontramos diversas opiniões sobre a participação da mulher neste

<sup>8</sup> <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/proporcao-de-vereadoras-eleitas-se-mantem-apos-quatro-anos.html>.

espaço. Para C. M. B. J. a mulher não quer mais saber da política pela “malícia” muito grande que este jogo provoca na vida das pessoas que se envolvem neste espaço: *“muito pouco, tu vês reunião de diretoria de igreja as vezes uma, nenhuma, é que a política tem uma malícia muito grande, o problema hoje sabe muita mulher já não quer mais ir como política”* (Entrevista com C. M. B. J. 12/09/2017).

Conforme L. M. S. o problema central para as mulheres não estarem ocupando o espaço dentro da política, se resume ao medo do enfrentamento e ainda pela presença forte do machismo: *“não está ocupando o espaço dela, por medo e por machismo ainda”*. A entrevista deixa claro que a mulher não está ocupando o espaço das decisões políticas historicamente restrito aos homens.

Já a entrevistada M. H. B., faz um relato que ocorreu dentro da própria estrutura da associação, onde, após as eleições internas de 2016, ouviram a expressão que conseguiram tirar as mulheres e assumiram os homens novamente. Mas ela acredita que as mulheres já estavam mais motivadas para ir em busca de seu espaço. Em outro ponto acredita que esteja acontecendo um movimento masculino de botar as mulheres de volta aos quatro cantos.

Sinceramente eu, vou ser talvez um pouco pessimista pela primeira vez na minha vida, eu estou percebendo nos níveis que estou hoje que as mulheres já foram muito mais motivadas, tinha muito mais vontade de encerrar do que no momento e também estou percebendo que existe um movimento masculino de botar as mulheres de volta, para as quatro paredes. Estou percebendo este movimento, quero que me provem o contrário, mas a gente vê isto em muitas maneiras, inclusive na associação regional dos sindicatos, porque quando teve a última eleição em janeiro de 2016, foi dito na reunião da regional e na primeira reunião posterior na FETAG, de que eles conseguiram tirar as mulheres e conseguiram os homens assumir uma vez de novo a associação regional, e isto está se vendo em muitas situações, seja ela no meio político, como também nas entidades, onde vejo isto, e aí é por não atuar nas áreas é dentro de empresas, mas no setor político as mulheres estão sendo excluídas. Quero acreditar que esse próximo momento como estou percebendo pelo menos na mídia, só que a mídia é uma coisa muito superficial, parece que as mulheres estão dizendo: chegou a nossa vez e não é só para fazer número para registro de candidaturas, mas é pra ocupar as tribunas, então talvez as mulheres se motivem de novo, mas o movimento masculino é no sentido contrário (Entrevista com M. H. B. 05/09/2017).

Ela ainda relata que estes mesmo movimentos de excluírem as mulheres estão presentes nas entidades, na política e só não pode afirmar que exista dentro das empresas por nunca ter atuado neste segmento, mas acredita que é possível de

se encontrar. Na perspectiva dela, as mulheres estão querendo ocupar o lugar delas, não só em número de candidaturas, mas também as tribunas.

Já para M. I. B., a participação da mulher no campo político ainda é baixa pelo medo do enfrentamento, para ela muitas acham que serão alvo de deboche: *“ainda a participação é baixa. Por medo, eu acho. Medo das mulheres como é que vou dizer elas têm medo de se candidatar para alguma coisa, até porque elas acham que elas não sabem fazer ou então elas acham que vão ser debochadas”* (Entrevista com M. I. B. 24/08/2017).

Já algumas entrevistadas acreditam que as mulheres estão em busca do seu espaço, J. D. W. menciona que as mulheres caminham lado a lado com o homem, porém ainda assim é discriminada: *“ela hoje praticamente caminha lado a lado do homem tanto para trabalhar como na questão política em tudo, mas ela ainda é discriminada”* (Entrevista com J. D. W. 21/08/2017). Para J. A. F. jovem agricultora dirigente sindical, a mulher está em busca de espaço: *“sim, cada vez mais espaço”*.

Mas para M. L. S. L. a mulher está buscando o seu espaço, porém as diferenças que são impostas a ela, ainda dificultam a batalha para alcançar o seu devido espaço: *“ela está buscando, mas a batalha sempre continua, sempre as diferenças sempre vão estar aí, salariais, representativas a cobrança”* (Entrevista com M. L. S. L. 08/09/2017).

De acordo com R. B. K. o papel da mulher atualmente na sociedade se constrói a partir do dia-a-dia, cumprindo com o papel assumido. Ainda na visão dela, a mulher tem que se expor para que a sociedade mude e melhore: *“quem vive o dia-a-dia muitas vezes tem que entrar e se expor e fazer com que a sociedade mude, que ela melhore, se tua acha que tu tens a contribuir, tu tens que insistir e tu tens de ir lá mesmo e tem que fazer o teu papel e cumprir ele”* (Entrevista com R. B. K. 30/08/2017). Observa-se na entrevista que os obstáculos que são impostos para as mulheres na trajetória, são uma forma de diferenciação de gênero que a mulher enfrenta ao querer ocupar seu espaço dentro da sociedade, precisando se expor e muitas vezes ainda comprovar a sua capacidade de ocupar estes espaços.

#### 4.1.1. Dupla jornada de trabalho feminina

É possível identificar a dupla jornada de trabalho que a mulher enfrenta ao buscar espaço na sociedade atual, nas direções ou cargos dentro dos STRs que compõem a associação e isto não representa um fato desconhecido.

De acordo com os relatos da entrevistada M. L. S. L., ela é encarregada do controle da casa e ainda tem o controle financeiro da família. Percebe-se a dupla jornada de trabalho que a entrevistada possui, mas ao mesmo tempo, ela relata que gosta destes desafios diários que o cargo de dirigente sindical impõe em sua rotina.

O meu guri diz “mãe tu ainda estás no sindicato, até quando você ficar” [risos]. Mas eu não espero, não, mas não é crítica sim, mas a questão do serviço de casa que não está sendo feito, não só o serviço de casa, o que eu sou responsável de fazer lá em casa o financeiro, daí as vezes eu não consigo fazer de realizar o pagamento daí eu atraso quando vê já passou o boleto aí quando vejo foi, dá mas não é esta questão é que eu gosto do que estou fazendo (Entrevista com M. L. S. L. 08/09/2017).

Ao serem questionadas, as entrevistadas, em sua grande maioria, relatam que as tarefas domésticas ainda são atividades exclusivas ao universo feminino. A entrevistada M. I. B. mencionou em sua fala que as atividades do lar são funções de sua responsabilidade dentro da propriedade: *“atividades domésticas é tudo comigo, mulher, e na propriedade ele puxa a frente, até assim o gado de manhã é tudo comigo, mas na roça ele puxa a frente”* (Entrevista com M. I. B. 24/08/2017).

Já a G. B. ao ser questionada como a divisão das atividades domésticas, relata que *“eu faço o meu serviço de casa, ele ajuda a lavar louça e depois faz o serviço lá fora, aí o marido comentou, quando ela ia a Brasília durante 8 dias quem fazia tudo era ele”* (Entrevista com G. B. 24/08/2017). Nesta fala percebe-se que o trabalho doméstico ainda é atribuído ao universo feminino e, ao mesmo tempo, quando o marido faz algo é classificado como “ajuda”. Mas também se nota que a mulher, ao sair para as reivindicações que o cargo de dirigente lhe exigia, quem assumia as atividades domésticas era seu marido, embora fosse algo contingente e passageiro.

## 4.2. Dificuldades enfrentadas na atuação política

Vários relatos mostram que as mulheres ainda enfrentam dificuldades no seu dia-a-dia, o que podemos mencionar que estes acontecem justamente em instancias onde já elas estavam ocupando os cargos de direção. A senhora J. D. W., primeira presidente mulher do STR de seu município, revela que as maiores dificuldades dela não foram no próprio STR e sim na própria associação onde ela já vinha na terceira linha de sucessão de presidentes mulheres: *“mais na associação do que no próprio sindicato, isto é interessante porque no sindicato eu era a primeira mulher e na associação eu já era uma sucessora e mesmo assim sofri preconceito.”* (Entrevista com J. W. D. 21/08/2017).

De acordo com, M. V. H. K., ela não consegue ver diferenciações de gênero dentro das dificuldades enfrentadas, mas revela que ainda existem casos por parte de alguns diretores, mas ela não se abala com tais acontecimentos, tentando levar na brincadeira, o que mostra ser uma postura política por parte dela: *“eu não consigo visualizar isto. Algumas pessoas as vezes assim né, depende alguns diretores até meio que, eu geralmente levo isto na brincadeira”* (Entrevista com M. V. H. K. 28/08/2017).

Conforme relatos da entrevistada M. R. S., no período eleitoral do STR de seu município houve algumas articulações por parte do então presidente para excluir ela do STR, logo após as eleições. Pois de acordo com o relato, sua participação na chapa seria fundamental para o presidente ganhar as eleições, pois ela possuía mais credibilidade entre o quadro social. Mas ainda relata que meio ano após a posse, diversas irregularidades surgiram em torno do então presidente. Assim ele foi destituído do cargo e assumiu então a primeira mulher presidente do STR do município.

Presidente na última eleição, o presidente que na época era o João, ele decidiu que ele ia ser o presidente, daí ele me convidou para ser vice dele de novo, porque a gente também, foi como o José caiu no caso de um dia para outro também, então a gente subiu e também teve um pouco, por não estar bem claro no estatuto as coisas, seria o contrário, eu seria a presidente e ele o meu vice, porque o José, botou eu como primeira suplente da diretoria, quando a Maria foram ver, não ela não tinha validade, eu caí lá para secretária e como ele era suplente da secretária e como a primeira secretária não quis o João assumiu. Na eleição seguinte ele só precisou de mim porque eu tinha mais credibilidade do que ele, então ele me usou para eleição, ele decidiu toda a chapa fulano, beltrano, eu não tinha vez e voz, eu sabia que eu ia ser vice dele nada mais daí já botou família eu



não sei como o conselho aceitou isto, como primeira secretária daí tipo assim a Nádia<sup>9</sup> sai e minha irmã, vai ser minha vice, daí eu não aceitei, ai ficou candidato e ele na mesma chapa aceitei ser vice dele, ai fez uma mudanças, meio ano depois foi uma sujeirada, ai ele caiu, hoje sim hoje decidimos tudo junto (Entrevista com M. R. S. 11/09/2017).

Ainda, neste mesmo relato pode-se observar que a mulher não tinha espaço de decisão, muito menos voz e vez dentro do campo político que ocorreu na formulação da chapa para eleição sindical, nota-se que ela serviria somente a fins de ganhar a eleição.

Para C. M. B. J. umas das dificuldades enfrentadas pela mulher ficou visível na articulação que ocorreu no último período eleitoral da associação, quando se criou um grupo que acordou os cargos: *“saber eu sei na verdade, mas... é que isto foi meio um bolinho, alguns dirigentes digamos assim, porque foi o que foi feito na verdade”* (Entrevista com C. M. B. J. 12/09/2017). Ainda com o relato usado anteriormente, da M. H. B., reforça-se que tivemos uma articulação enfrentada pelas mulheres dentro de sua própria estrutura sindical para serem excluídas dos cargos de direção<sup>10</sup>.

### **4.3. Formas de reprodução da desigualdade de gênero.**

Conforme Scott (1990), gênero é assimilado na gramática com um fenômeno de classificação, faz surgir categorias separadas com prováveis singularidades. Nas palavras da autora,

[...] o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que tornam possíveis distinções ou agrupamentos separados (Scott, 1990, pg.72).

De acordo com Paulilo (2004), mesmo as mulheres ocupando cargos de presidências, o problema das cotas de participação das direções ainda está presente na grande maioria dos STRs, mas ao relatar as falas de algumas mulheres observa-se que elas entendem que, por serem mulheres, serão questionadas sobre

<sup>9</sup> A fins de preservar a identidade das pessoas mencionadas, usou-se nomes fictícios nesta citação de entrevista.

<sup>10</sup> A última eleição em janeiro de 2016, foi dito na reunião da regional e na primeira reunião posterior na Fetag, de que eles conseguiram tirar as mulheres e conseguiram os homens assumir uma vez de novo a associação regional.

sua capacidade de administrar e ao mesmo tempo acreditam que a mulher não esteja se desafiando para assumir estes espaços.

Mesmo as mulheres ocupando a presidência do sindicato, isto não significa que estes tenham mudado totalmente suas práticas discriminatórias”.<sup>47</sup> A dificuldade em preencher a cota de 30% de mulheres nas direções sindicais, estabelecida pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), é atribuída menos ao pouco reconhecimento que a capacidade e o trabalho das mulheres encontram nesse ambiente, que à pouca iniciativa das mulheres. Ao reproduzir algumas das falas das mulheres dirigentes, Valdete Boni mostra que mesmo quando elas admitem que, “por a gente ser mulher, os outros acham que a gente não tem capacidade de administrar e de estar envolvido”, também dizem que “a própria mulher não desafia para enfrentar uma liderança (Paulilo, 2004, pg. 240).

Conforme relato da G. B., foi nesse período em que as mulheres não podiam se associar aos STRs. Para a questão da desigualdade do gênero foi uma batalha grande em nível do país, muito mais a fins das mulheres conseguirem o direito da aposentadoria, ainda menciona que no próprio STR, tinha homens que eram contra a sindicalização das mulheres.

Às vezes, mas poucas vezes, sim quando foi liberado, as mulheres poderiam se associar no sindicato, aí as mulheres do nosso sindicato vieram em grande parte para se associar, interessaram-se para se associar para conseguir se aposentar, os homens que eram contrata na época que estão vivos, continua contra. Isto foi uma grande briga em geral não só do Rio Grande do Sul, mas de todo as agricultoras do país (Entrevista com G. B.24/08/2017).

Um ponto importante da fala da entrevistada é o relato a continuidade do processo de desigualdade do gênero, dentro da estrutura da sindical do vale do caí. Ela aponta que atualmente as mulheres perderam o espaço de divulgação das ações durante as assembleias sindicais. Ela acredita que nos dias atuais a mulher está perdendo espaço e voz de decisão, porém para ela deveria ser diferente.

Hoje em dia as Mulheres não têm mais tanta vez e voz hoje não, deveria ser o contrário a mulher que aceita a presidência sim, mas as outras que nem o nosso sindicato a comissão das mulheres, não tem voz e vez para falar no sindicato, no caso da M. I. B. ela também foi comissão regional de mulheres durante 2 ou 3 anos, ela ia para Porto Alegre, porque de 2 em 2 meses tinha reunião na FETAG, nas quando era assembleia no sindicato aqui, eu na minha época falava uns 10 minutos, e ela não tem o direito de falar isto, não é certo isto, o presidente não deixa (Entrevista com G. B.24/08/2017).

Ao ser questionada sobre desafios e diferenciações que percebia em relação à questão de gênero, a entrevistada faz um relato de um acontecimento muito forte em sua trajetória. Mostra o quando a mulher precisa afrontar diversos desafios ao tentar ocupar um espaço dentro do campo político.

A gente podia ter percebido se prestasse mais atenção, mas eu não percebi muito dentro do sindicato e nem dentro da associação regional, assim com exceção quando era a grande regional no início aí sim, as mulheres iam por cima deles, mas eles vinham para cima das mulheres, porque uma vez o presidente do sindicato de Três Coroas, e daí somos eu testemunha, a Vanuza, Gabriele K, uma mulher lá de Sapiranga, onde o presidente do sindicato nós chamou de subversivas e um outro nome tipo como se a gente fosse mulher qualquer sabe aquelas... mas assim dentro do sindicato eu não percebia isto muito, mas teve situações, ultimamente que quando eu já estava na direção da FETAG, daí o Nelson que era meu secretário na época, ele uma vez quando nós fomos para sair para uma reunião em Porto Alegre, ele me disse assim na frente da Hellen e da Inara, é hoje que vou levar a Maria para um motel, a eu respondi na minha santa cara de pau, se tua acha que me leva para um motel de beira de asfalto, tu está é muito enganado, daí tem quem diz Maria, tu ofende o cara para o resto da vida, mas era assim eu não tinha muitos argumentos de defesa, eu meio sempre fazia de conta que não tinha entendido, porque não queria acirrar as coisas e daí pensei assim homem eu tenho em casa, o que eu não quero para mim, não faço aos outros. A gente tinha aqui uns vizinhos que falavam para o Odair<sup>11</sup>, ela está saindo de novo, isto ele teve escutar algumas vezes (Entrevista com M. H. B. 05/09/2017).

Em sua maioria, as entrevistadas percebem a desigualdade de gênero, onde encontramos aquelas que não querem relatar, mas afirmam que existe, podem ser a forma como algumas mulheres lidam com a questão: *“existe, porque a própria Maria Helena me disse que... não vem ao caso, mas existe”* (Entrevista com M. I. B. 24/08/2017). Para J. D. W., em alguns momentos ela percebe que a desigualdade de gênero ainda está presente e forte, mas ainda relata que em seu entender não deveria mais existir: *“ainda existe, no meu ponto de vista acho que não deveria, mas ainda existe e forte algum momentos”* (Entrevista com J. D. W. 21/08/2017).

Para M. V. H. K., a desigualdade do gênero não deveria estar mais presente, pois na opinião dela, qualquer entidade funciona melhor com a presente de ambos os gêneros. Pode-se perceber na fala dela, uma opinião que se opõe às separações de gênero.

Acho que é um conjunto não tem como separar homens para cá e mulheres para lá, acho que tem que a ver a participação de ambos os lados não pode ser só mulheres e também não pode ser só homens, tem que ter este conjunto de participação, e eu acho que funciona melhor (Entrevista com M. V. H. K. 28/08/2017).

Mas também encontramos nas falas, algumas revelações que existe a desigualdade do gênero, porém em sua grande maioria já estaria dominado: *“existe ainda só que na nossa regional eu acho que ele já dá bem dominado, tem alguns*

---

<sup>11</sup> No objetivo de preservar a identidade das pessoas, neste trecho de entrevista usou-se nomes fictícios.

*ainda, nas a maioria já...*” (Entrevista com R. I. B. K. 30/08/2017). Percebe a diferenciação, mas não revela, podendo ser uma maneira de proteger a entidade ou de se preservar de possíveis prejuízos futuros.

Ainda se observa, no relato da C. M. B. J., que ela por preconceito e machismo se retirou da diretoria do STR. Para ela atualmente estamos lidando com formas mais inteligentes para excluir a mulher na participação ativa da política. Assim, tentando camuflar as relações de poder, que são exercidas frente as lutas das mulheres.

Sim, se não teria saído da diretoria, naquela época os homens eram mais diretos e grossos, hoje os homens estão mais inteligentes, eles fazem por debaixo dos panos, excluindo-as, em outros termos com outras palavras mais devagar, porque eles sabem dos direitos também da mulher. (Entrevista com C. M. B. J. 12/09/2017).

#### **4.4. Mulheres na política precisam o tempo todo provar suas capacidades e competências.**

Para a M. L. S. L. as mulheres precisam provar o tempo toda sua capacidade de estarem atuando na linha de frente independentemente do setor. Ela acredita que mesmo a mulher acertando 100%, ainda assim sua capacidade gera dúvidas para os homens.

Mas isto eu vejo em vários setores, eu não só analiso, a minha análise eu vejo assim não só a nível sindical é em todos os setores, tu podes está sempre ao mesmo nível, nas o Homem sempre é mais valorizado que a Mulher, sempre a opinião ele faz, o que ele fala escutam e obedecem, a mulher tem que provar, provar, provar tem que fazer 99% a100% certo que daí ainda duvidam da capacidade, mas é verdade (Entrevista com M. L. S. L. 08/09/2017).

Ainda de acordo com a mesma entrevistada, mesmo as mulheres ocupando cargos centrais na política, sempre estão sob a desconfiança de suas competências, como se o cargo ocupado por elas não lhes coubesse. *“Sim, de que maneira posso colocar, a valorização do meu desempenho no meu trabalho, a confiança da outra classe em relação ao meu trabalho do que estou fazendo”* (Entrevista com M. L. S. L. 08/09/2017).

Conforme relato de M. R. S., ela acredita que em parte tem algumas dificuldades, mas ao mesmo tempo não, pois o grande viés da questão da

entrevistada e a necessidade de comprovar a sua capacidade. Outro fator que contribui para esta situação, foi o fato dos antecessores dela tomarem decisões não favoráveis ao STR. Relata ainda, a atitude de cobrança que ocorre:

Tenho dificuldade porque eu tenho, dificuldade não, eu acho que eu não tenho dificuldade, eu sinto que preciso provar muito que eu tenho capacidade por eu ser mulher e por ter dois presidentes anteriores que...tipo assim chegam no balcão cuida o que tu faz (Entrevista com M. R. S. 11/09/2017).

Segundo os relatos das entrevistadas, percebe-se que as mulheres quando ocupam um cargo que não foi idealizado para elas, necessitam provar sua capacidade e competência, mesmo que estejam realizando um bom trabalho, existirá a cobrança em relação ao gênero.

Na ocupação do espaço dentro da estrutura sindical, as mulheres provam que a demanda da busca de espaço está ligada aos interesses práticos e estratégicos de sua atuação. Assim, as mulheres pretendem certificar que estão habilitadas a ocupar os mesmos cargos dos homens de MSTTR.

## **5 Considerações finais.**

A partir da presente pesquisa, podemos reunir informações etnográficas sobre a trajetória de atuação das dirigentes sindicais, buscando compreender como começa a participação feminina e como está não era facilmente aceita no movimento sindical. Com os entraves e preconceito de gênero presentes, estas batalhadoras buscavam seu espaço dentro da estrutura, muitas vezes ridicularizadas, mas sempre procurando o espaço delas, reivindicando sempre pelos seus direitos.

Analisando os resultados, podemos concluir que o protagonismo da atuação das mulheres da associação foi importante na construção do movimento sindical do Vale do Caí. Com a preparação técnica e política destas dirigentes, a partir de formação de lideranças, se provocou uma boa atuação frente às comunidades de atuação. Entraves do gênero são visíveis durante a história de atuação das mulheres, ao ponto de termos relatos de perseguição, assédio sexual e inclusive exclusão do quadro social.

Em virtude do que foi relatado, podemos mencionar que as mulheres precisam comprovar a sua capacidade ainda nos dias atuais frente aos cargos que ocupam dentro da estrutura que compõem a associação. Ainda é perceptível reprodução da desigualdade de gênero durante a atuação das dirigentes. Elas enfrentam dificuldades de ocupar cargos, mas em grande parte da história da associação as mulheres conseguiram comandá-la.

Levando em conta os dados levantados através das entrevistas realizadas com as mulheres dirigentes, mais a revisão bibliográfica, percebe-se que as mulheres sindicalizadas ocupantes de cargo enfrentaram ou enfrentam diversas barreiras em sua atuação. Articulações para comprometer a atuação das mulheres ficam visíveis a partir da coleta dos dados, pois vários relatos das entrevistadas apontam para estas manobras que ocorrem e ainda ocorrem nos dias atuais dentro da estrutura pesquisada.

Considerando a estrutura desta pesquisa, sugere-se a fins de aperfeiçoar a compreensão sobre a participação feminina nos movimentos sindicais rurais um acompanhamento de campo das mulheres dirigentes, no seu dia-a-dia, para lapidar as atuações e os desafios impostos para as mulheres sindicalizadas no próprio campo de sua atuação. É fundamental para o fortalecimento das instituições de representação dos trabalhadores rurais mostrar a importância da participação das

mulheres nestas entidades e o comprometimento que elas possuem para com o desenvolvimento rural das comunidades que representam.

A partir desta pesquisa, podemos concluir que as mulheres dirigentes da Associação têm diversos desafios impostos durante sua trajetória. Entretanto, a contribuição que presente pesquisa remete para a entidade pesquisada é a importância do gênero dentro do MSTTR, muitas vezes comprometida, mas empenhada em prol dos seus associados.

Podemos concluir que, no campo de atuação das mulheres dirigentes, é notável a diferenciação de gênero. Contudo, também é preciso mencionar sua capacidade de atuação. Em diversos relatos ficou claro onde e como elas buscam inserir as comunidades, através de programas de sementes, palestras voltadas a autoestima, capacitações, cuidados com saúde. Em suma, as mulheres dirigentes do Vale do Caí buscam inovar para melhorar sua atuação frente a suas comunidades de representação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF, Conselho Nacional de Saúde, 1996. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dados de produção agrícola. Acessado 25 jun. 2017. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

BAMGARTEN, M. H., **Histórico reduzido da Organização das Trabalhadoras Rurais na Regional Vale do Caí 1982 até 2016**. 2017, manuscrito no prelo.

BONI, V. **Poder e igualdade: as relações de gênero entre sindicalistas rurais**. Florianópolis, UFSC, 2002. Graduação em Ciências Sociais. (Mimeogr.).

DAJUI, E. M. **A Construção da Cidadania Através da Identidade socioprofissional das Mulheres Rurais que Participam em Programas de Microfinanciamento**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7907/000560166.pdf?sequencia=1>> acessado em: 08 jun. 2017.

DEERE, C. D. **Os Direitos da Mulher à Terra e os Movimentos Sociais Rurais na Reforma Agrária Brasileira**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2004000100010&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2004000100010&script=sci_abstract&lng=pt)> acessado em: 10 jun. 2017.

DUARTE, E. L., García M. F. **AS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE GÊNERO E MOVIMENTO SINDICAL NA PARAÍBA**. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009, pp. 1-17. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Duarte\\_EL.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Duarte_EL.pdf)> acessado em: 07 jun. 2017.

COTRIM, Décio Souza. Organização social e associativismo rural. In: GEHLEN, Ivaldo e MOCELIN, Daniel G. (Org.) **Organização Social e Movimentos Sociais Rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <[https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1320906/mod\\_resource/content/0/Manual\\_Derad006.pdf](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1320906/mod_resource/content/0/Manual_Derad006.pdf)> acessado em: 06 jun. 2017.

GERHARDT, T. E e SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. Seria EAD, 2009 1 ed. Editora UFRGS.

G1. Globo. **Proporção de vereadoras eleitas se mantém após quatro anos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/proporcao-de-vereadoras-eleitas-se-mantem-apos-quatro-anos.html>>. Acessado em 19 out. 2017

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&idnoticia=2296&t=censo-2010-mulheres-sao-mais-instruidas-que-homens-ampliam-nivel-ocupacao&view=noticia>>. Acessado em 19 out. 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 18 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 269 p



MINAYO, M.C.S., and COIMBRA JUNIOR, CEA. orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Disponível em:< <http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf#page=126>>. Acessado em 09 jun.2017.

PAULILO, M.I. S. **Movimento de Mulheres Agricultoras: Terra e Matrimônio**. Disponível em:< <http://naf.ufsc.br/files/2010/08/mma1.pdf>> acessado em: 07 jun. 2017.

SALES, C.M. V. **Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos**. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a10v15n2>> acessado em: 08 jun. 2017.

SCHAAF, A. V. D. **Jeito de Mulher Rural: a Busca de Direitos sociais e de Igualdade de Gênero no Rio Grande do Sul**, 2003. Disponível em:< <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5437/3086>> acessado em: 10 jun. 2017.

SCOTT, J., **Gênero uma Categoria Útil de Análise Histórica**. Educação e realidade. 20(2):71-99. Jul./dez 1995.

Revista Estudos Feministas vol.15 no.2 Florianópolis May/Aug. 2007 SALES, C.M. V. **Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos**. Disponível em< <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a10v15n2>> acessado em: 23 jun. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa nem educação: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

**APÊNDICES- A****Questionário para aplicação com as ex-dirigentes Sindicais do Vale do Caí.**

Nome:

Idade:

Entrevistador: Igor Rainoldo Heinz

1. Qual é o grau de escolaridade que possui?

- ( ) Sem escolaridade
- ( ) Fundamental incompleto
- ( ) Fundamental completo
- ( ) Médio incompleto
- ( ) Médio completo
- ( ) Superior incompleto
- ( ) Superior completo

2. Natural de qual cidade?

3. Profissão?

4. Em quais lugares ou setores já trabalhou?

5. Trabalha atualmente? Em qual ramo?

6. Estado civil:

- ( ) casada
- ( ) solteira
- ( ) divorciada
- ( ) Viúva

7. Possui filhos? Quantos? Haverá sucessão?

8. Possui propriedade rural? O que produz nela?

9. Quais os meios de sustento?

10. Em casa, como são divididas as atividades domésticas e da propriedade?

11. A participação no sindicato e/ou na associação provocou alguma alteração no seu papel de mulher na família? Todos apoiaram ou criticaram? Por quê?
12. Qual o cargo que você ocupou dentro do Sindicato?
13. Em que ano você entrou no movimento Sindical?
14. Em que ano você entrou na diretoria do Sindicato? Como ocorreu ou foi convidada por quem?
15. Conhece a associação regional Sindical Vale do Caí, a qual seu sindicato é associado? Já participou de alguma reunião da associação?
16. Fez algum tipo de curso além da escola? Qual?
17. Fez alguma formação oferecida pelo Sindicato?
18. Fez algum curso pela Associação? Neste curso é discutido e ou estudado os estatutos das entidades? Quais outros assuntos são estudados?
19. Conhece os estatutos do Sindicato?  
( ) Sim  
( ) Não
20. Conhece os estatutos da Associação Regional Sindical do Vale do Caí?  
( ) Sim  
( ) Não
21. Participava das reuniões da Associação?  
( ) Sim  
( ) Não
22. Com que frequência ao ano?

- 1 a 3 reuniões por ano
- 4 a 6 reuniões por ano
- 7 a 9 reuniões por ano
- 10 a 12 reuniões por ano
- Nenhuma

23. Já no Sindicato participava nas reuniões da diretoria?

- Sim
- Não

24. Com que frequência o Sindicato tinha reuniões?

- 1 vez ao ano
- 2 vezes ao ano
- 4 vezes ao ano
- 6 vezes ao ano
- Mais que 6
- nenhuma reunião

25. Na reunião do Sindicato era discutido o grau de ocupação de cada membro de acordo com as funções que o estatuto lhe confere?

- Sim
- Não

26. Como ocorria a divisão dos cargos dentro da diretoria no momento da formulação da chapa para uma nova eleição? Quem define?

- Presidente
- Secretária
- Tesoureiro
- Conselho Fiscal
- Todos em conjunto

27. Quantas Mulheres participam da diretoria em seu período?

- até 2
- Até 4

- Até 6
- Até 8
- Mais que 9
- Não sabe

28. Quantos anos você estava na diretoria dos Strs? Quantos mandatos?

29. Ocupo quais cargos?

30. Já ocupou algum cargo na associação? Qual?

31. Quem indica possíveis novos membros da diretoria?

- Presidente
- Secretária
- Tesoureiro
- Conselho Fiscal
- Todos em conjunto
- Não sabe

32. O Str participava dos conselhos municipais existentes no município na época?

- Sim
- Não

33. De que forma era divulgada a participação da entidade nestes conselhos? Os assuntos discutidos nestas reuniões eram repassados de que forma para os associados?

34. Quem participava dos conselhos?

- Presidente
- Secretária
- Tesoureiro
- Conselho Fiscal
- Todos da diretoria

35. Como foi a sua participação/atuação na associação? E no Strs?
36. Existiam desafios e diferenciações que percebias em relação à questão de gênero?
37. Como foi a participação e o papel Mulheres na formação da associação e dos Sindicatos?
38. Você acredita que estava preparada para ocupar um cargo na diretoria da Associação bem como no Sindicato? Por quê?
- ( ) Sim
- ( ) Não
39. Enquanto mulher, você enfrentou algum desafio ao participar do sindicato e/ou associação? Sentiu algum tipo de preconceito, machismo ou exclusão?
40. Como você entende o papel da mulher na participação e na direção de sindicatos e associações?
41. Como você percebe o papel da mulher na sociedade atual?
42. Sua opinião sobre o papel da Associação Regional Sindical do Vale do Caí para como o Desenvolvimento Rural do Vale?
43. Existia algum projeto para como o Desenvolvimento Rural que a associação executava?
44. Qual é a importância dos Sindicatos para como o desenvolvimento das comunidades onde atua?
45. Existia algum projeto em âmbito municipal?
46. Quais os principais projetos desenvolvidos pelas Mulheres frente a associação? E nos Sindicatos?

47. Em âmbito nacional, o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), tem o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), conhece este projeto?

### **ANEXO- B**

#### **Questionário para aplicação com as dirigentes Sindicais do Vale do Caí.**

Nome:

Idade:

Entrevistador: Igor Rainoldo Heinz.

1. Qual é o grau de escolaridade que possui?

- ( ) Sem escolaridade
- ( ) Fundamental incompleto
- ( ) Fundamental completo
- ( ) Médio incompleto
- ( ) Médio completo
- ( ) Superior incompleto
- ( ) Superior completo

2. Natural de qual cidade?

3. Profissão?

4. Em quais lugares ou setores já trabalhou?

5. Trabalha atualmente? Em qual ramo?

6. Estado civil:

- ( ) casada
- ( ) solteira
- ( ) divorciada
- ( ) Viúva?

7. Quantos filhos? Terás sucessão na propriedade? ( ) Sim ( ) Não.
8. Possui propriedade rural? O que produz nela?
9. Quais os meios de sustento?
10. Em casa, como são divididas as atividades domésticas e da propriedade?
11. A participação no sindicato e/ou na associação provocou alguma alteração no seu papel de mulher na família? Todos apoiaram ou criticaram? Por quê?
12. Ocupação dentro do Sindicato?
13. Em que ano você entrou no movimento Sindical?
14. O que motivou você a entrar para o movimento sindical?
15. Em que ano você entrou na diretoria do Sindicato? Como ocorreu ou foi convidada por quem?
16. Conhece a associação regional Sindical Vale do Caí, a qual seu sindicato é associado? Já participou de alguma reunião da associação?
17. Fez algum tipo de curso além da escola? Qual?
18. Fez alguma formação oferecida pelo Sindicato?
19. Fez algum curso pela Associação? Neste curso é discutido e ou estudado os estatutos das entidades? Quais outros assuntos são estudados?
20. Você acha que esses cursos foram importantes para a sua trajetória e atuação no sindicato?
21. Conhece os estatutos do Sindicato?



- Sim
- Não

22. Conhece os estatutos da Associação Regional Sindical do Vale do Caí?

- Sim
- Não

23. Participa das reuniões da Associação?

- Sim
- Não

24. Com que frequência ao ano?

- 1 a 3 reuniões por ano
- 4 a 6 reuniões por ano
- 7 a 9 reuniões por ano
- 10 a 12 reuniões por ano
- Nenhuma

25. Já no Sindicato participa das reuniões da diretoria?

- Sim
- Não

26. Com que frequência o Sindicato tem reuniões?

- 1 vez ao ano
- 2 vezes ao ano
- 4 vezes ao ano
- 6 vezes ao ano
- Mais que 6
- nenhuma reunião

27. Na reunião do Sindicato é discutido o grau de ocupação de cada membro de acordo com as funções que o estatuto lhe confere?

- Sim
- Não

28. Como ocorre a divisão dos cargos dentro da diretoria no momento da formulação da chapa para uma nova eleição? Quem define?

- ( ) Presidente
- ( ) Secretária
- ( ) Tesoureiro
- ( ) Conselho Fiscal
- ( ) Todos em conjunto

29. Quantas Mulheres participam da atual diretoria?

- ( ) até 2
- ( ) Até 4
- ( ) Até 6
- ( ) Até 8
- ( ) Mais que 9
- ( ) Não sabe

30. Quantos anos você está na diretoria dos Strs? Quantos mandatos?

31. Ocupou quais cargos?

32. Já ocupou algum cargo na associação? Qual?

33. Quem indica possíveis novos membros da diretoria?

- ( ) Presidente
- ( ) Secretária
- ( ) Tesoureiro
- ( ) Conselho Fiscal
- ( ) Todos em conjunto
- ( ) Não sabe

34. O Str participa dos conselhos municipais existentes no município?

- ( ) Sim
- ( ) Não

35. De que forma é divulgada a participação da entidade nestes conselhos? Os assuntos discutidos nestas reuniões são repassados de que forma para os associados?

36. Quem participa dos conselhos?

( ) Presidente

( ) Secretária

( ) Tesoureiro

( ) Conselho Fiscal

( ) Todos da diretoria

37. Como percebes a sua atuação na associação? E no Strs?

38. Existem desafios e diferenciações que percebes em relação à questão de gênero?

39. Você encontrou preconceito explícito por ser mulher ao longo de sua trajetória no sindicato e na associação?

40. Como você entende o papel da mulher na sociedade atual?

41. Como foi a participação e o papel das Mulheres na formação da associação e dos Sindicatos?

42. Você acredita que estava preparada para ocupar um cargo na diretoria da Associação bem como no Sindicato? Por quê?

( ) Sim

( ) Não

43. Sua opinião sobre o papel da Associação Regional Sindical do Vale do Caí para como o Desenvolvimento Rural do Vale do Caí?

44. Existe algum projeto para como o Desenvolvimento Rural que a associação esteja executando?

45. Qual é a importância dos Sindicatos para como o desenvolvimento das comunidades onde atua?

46. Existe algum projeto em âmbito municipal?

47. Quais os principais projetos desenvolvidos pelas Mulheres frente a associação? E nos Sindicatos?

48. Em âmbito nacional, o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), tem o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), conhece este projeto?

**ANEXO-A**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso**  
**INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

**NOME:** \_\_\_\_\_

**RG/CPF:** \_\_\_\_\_

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “**Associação regional sindical Vale do Caí e a participação das Mulheres.**” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “ Associação regional sindical Vale do Caí e a participação das Mulheres. ” – Do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “ **Objetivo Geral** Caracterizar atuação das Mulheres na Associação. ”

A minha participação consiste na recepção do aluno “**Igor Rainoldo Heinz**” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, ( ) **AUTORIZO** / ( ) **NÃO AUTORIZO** a minha identificação.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

**Assinatura** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017